

## UM ENCONTRO COMIGO EM DIAS DE CONFINAMENTO

Texto para teatro solo escrito por: Marcos Velasch

Época: Atual

Cenário: um pequeno apartamento de onde é possível ver pela janela,  
uma movimentada avenida.

### PERSONAGEM:

OLÍVIA (45 anos, professora de ARTE recém desempregada, mora sozinha)

COORDENADORA DA ESCOLA (Voz em OFF)

I- A DEMISSÃO VEIO PELO TELEFONE

Tudo escuro. Som de telefone tocando. Som mais distante de carros, buzinas, vindos da avenida. Telefone insiste.

OLÍVIA

- Oi. Bom dia!

Ouve-se o retorno do celular de Olívia, mas não identificamos o que está sendo dito do outro lado da linha, mas o tom é de alteração.

OLÍVIA

- Calma! Eu já estou saindo de casa! Por favor, pede pra alguém subir minha aula.

A partir dessa fala, a luz vai acendendo gradativamente na janela do apartamento, de onde é possível avistar ao longe outros edifícios, telhados de sobrados, o céu. Luz abre geral, revelando Olívia de pé no meio da sala entre o conjunto de estofados amarelos manga. Está nervosa, mas tenta se conter.

OLÍVIA

- Essa noite eu tive insônia e só conseguir pegar no sono quase de manhã. Isso não vai mais acontecer. Eu preparei uma aula dinâmica sobre arte sustentável. Eu chego aí em ... (a pessoa do outro lado da linha, encerra a ligação. Olívia desaba no sofá,

respira fundo). O filho da puta encerrou a ligação. É o jeito correr pra não atrasar mais!

Olívia pega a bolsa e vai saindo, chega a fechar a porta. Assim que trancar a porta à chave. Ouvimos o telefone dela tocar novamente.

OLÍVIA

- (Do lado de fora) Eu já estou indo, calma! Demitida? Assim, por telefone?

Olívia volta a entrar, se encosta na porta. Mantém o celular na mão. Arrasada.

Blecaute.

## II – A DEMISSÃO VEIO POR TELEFONE: COMPARTILHANDO O DESCASO

Luz abre revelando Olívia na janela do apartamento, está com o telefone no ouvido. Na mesa um amontoado de livros de arte, caderno, o notebook.

OLÍVIA

- Nunca imaginei que fosse ser demitida por telefone. (Irônica) Pedagógico isso, não é? Logo ontem que eu tinha preparado uma aula sobre a obra do Vick Muniz pra trabalhar com as turmas, e aí por causa de um atraso, quer dizer, o terceiro só esse mês, eu fui mandada embora. A qualidade do meu trabalho como professora de Artes não conta? Poxa! Eu tenho uma relação ótima com os estudantes. Sou a única professora com formação em artes na porra da escola! A vontade que eu tenho é de ir lá e mandar todo mundo se fuder! (Tempo) Claro que não Fernanda. Você me conhece, eu praticamente me dediquei aquela escola. Lembra quando eu cheguei? Os alunos não conheciam nem os artistas do entorno deles, sequer tinham ido ao cinema ou ao teatro. As aulas eram ministradas por um monte de professores desqualificados que achavam que arte se resumia a pecinhas do dia das mães, comemorações de datas importantes do calendário. Fora as aulas exaustivas de desenho livre que mais pareciam uma baderna nada produtiva. Sem contar que todo mundo pegava arte para complementar a carga horária. Não reconheceram meus anos de trabalho, inclusive premiado. Foi tudo pro arquivo de inativos daquele galpão de mensalidades absurdas e educação .... melhor nem falar pra não ficar mais irritada. Só me resta a vista panorâmica pra avenida mais movimentada e caótica dessa cidade. Estou me sentindo a Julia Roberts no filme O Sorriso de Monalisa. Quer saber Fernanda? Eu vou lá

naquela escola de merda, falar com aquele administrativo de merda, com aquela coordenadora de merda e com aquela diretora de merda. Eu preferia ter meu salário descontado do que perder o meu emprego, não pela escola, mas pelos alunos, pelo trabalho de valorização e entendimento com a arte que estava construindo com eles. Então você acha que eu devo ficar de boa, após ser demitida assim por telefone? Quer saber? Tchau! (DESLIGA O TELEFONE).

Olívia pega o controle da TV, liga. Nesse momento está sendo veiculado num telejornal uma matéria sobre o Covid 19, a forma como o vírus tem se alastrado e como as autoridades estão se posicionando. (PESQUISA).

OLÍVIA

- Agora fodeu tudo! Corona vírus. Se essa porra vira pandemia aí a gente tá lascado. Isolamento social e tudo. (Pega o telefone e liga/tempo) Viu aí agora na Tv? O Covid 19 está na área. Daqui a pouco teremos uma pandemia do Corona Vírus no país e com ela vem o isolamento social, o que significa que tudo pára no país. Desempregada, morando sozinha, vai ser um caos minha vida. Se essa porra se alastra adeus contatos, vamos ter que se isolar pra situação não piorar. (Tempo) Se reinventar? Só se for mesmo! E aí ninguém fode, ninguém trabalha, ninguém produz porra nenhuma. Os teatros fecham, as escolas interrompem as aulas e o governo não faz porra nenhuma. A gente tem governo ou isso aqui já virou zona de pernas pro ar? Onde vamos parar? Me lembro da última vez que precisei de um respirador pro meu pai que estava com insuficiência respiratória e o hospital disse que não estava funcionando. Se virar pandemia, vai morrer uma galera. Meu Deus! Como disseram que a porra começou na China, e eu acho que a bagaceira surgiu foi nos Estados Unidos, isso quer dizer que os aeroportos vão barrar a vinda de estrangeiros. Logo agora que estou esperando o Saback meu namorado. Me estrepei de verde e amarelo. (Tempo) Entendi, você está pedindo pra eu ficar calma, mas como? Perdi meu trampo por telefone, corro o risco de não ver meu namorado tão cedo e você ainda pede calma?! Ah, quer saber? Me deixe em paz. Não se preocupe comigo, eu vou, como você mesmo sugeriu me REINVENTAR.

Blecaute.

III – ME REINVENTANDO

Ainda em BLECAUTE, ouvimos um som de “tic-tac” de relógio como marcador do tempo das ações de OLÍVIA. Jogo rápido de luz:

- Olívia arrumando os objetos na estante;
- Olívia folheando revistas antigas;
- Olívia assistindo TV e acaba cochilando na poltrona;
- Olívia coloca um vinil de João Gilberto pra tocar na vitrola. Segura a capa do disco.

OLÍVIA

- Nossa! Faz tempo que não escuto João Gilberto. Que voz suave, leve. João me acalma. Pensar que ele saiu da Bahia quase escorraçado, porque achavam que ele era maluco, maconheiro. Não enxergaram o gênio que ele era. As cidades do interior fazem isso com seus grandes artistas. Desconhecem a dimensão do seu valor. Mas quando morrem ou se tornam famosos rendem hipócritas homenagens. O Brasil chorou e sofreu a morte desse grande gênio da Bossa Nova, da música popular brasileira. Menos sua terra natal. Gélidas águas do São Francisco, aquelas que passam por lá.

Olívia ensaia uns passos delicados de dança ao som da música do João Gilberto.

OLÍVIA

- Faz hoje dez dias que estou em completo isolamento social, dialogando comigo e com os cômodos do meu apartamento. Hoje visitei meus vinis e redescobri João Gilberto. Faz tempo que não sinto essa energia que é está comigo mesma, sem o alarde da rotina, sem os sons ensurdecadores das avenidas por onde ando. Sem a aglomeração de gente que se quer me dá um bom dia.

Vai até a janela e fica de perfil observando o movimento.

OLÍVIA

- Eu estava tão aversiva às redes sociais (Ri) não me dava conta de como elas nesse momento são importantes. Incrível também é me dar conta, logo eu uma professora de Artes de como a estética da minha rua vista aqui da janela é bonita, deslumbrante. Deserta tem um charme cinematográfico. Essa beleza eu pouco percebia. Era tudo tão rápido, tão sem foco nas coisas simples. Planos e mais planos de aula, avaliações,

atividades, testes, verificações de aprendizagem, etc., etc. (Olha para a sala) Nem me lembrava que tinha mudado o estafado de lugar. A TV era quase um objeto decorativo consumista, raras vezes liguei para assistir um programa, um telejornal, uma novela. Nossa! Fui uma hóspede estranha do meu próprio apartamento, comprado com muito sacrifício e prestações exaustivas.

O disco encerra a última faixa. Ouvimos por um tempo, o som da agulha no final do vinil. Olivia caminha pela sala. Observa os objetos, os quadros na parede, e entre eles o quadro de seus pais. Fica parada diante deles.

OLÍVIA

- Seu Antonio e Dona Lourdes. Meus velhos. Essa é uma das poucas recordações que tenho deles. Esse quadro. Aí eles estavam recém casados. Já escutei várias vezes, geralmente quando chegava aqui depois de cinco aulas exaustivas, super cansada, esgotada, o arrastar de sandálias de meu pai e seu assobio. A gente tinha uma espécie de cumplicidade secreta. Com minha mãe, entre um conflito e outro nós duas nos entendíamos no final. Me lembro dela costurando até a madrugada, e eu ficava debaixo da mesa de costura brincando com as minhas bonecas. Só ia dormir quando ela terminava a costura ou interrompia o serviço pelo cansaço. Nossa! Como faz tempo isso. (Toca no quadro) Está bem empoeirado. A música acabou. Nem me dei conta.

Olívia vai até a vitrola, tira o disco, pega outro do Raul Seixas e coloca na vitrola a faixa “O dia em que a terra parou”.

OLÍVIA

- Esse disco eu confisquei do meu irmão mais velho, ele era maluco por Raul Seixas, imitava até aquela barba dele de Profeta cantarolava as músicas enquanto o disco rolava na radiola, era assim que a gente chamava. Mas quando escutei essa música pela primeira vez, fui tomada por um medo terrível! Já pensou a terra parando?

Blecaute.

#### IV – ME REINVENTANDO: A QUARENTENA

Só o clarão da tela da TV e a narração do noticiário anunciando as medidas preventivas, os dados da secretaria de saúde sobre os casos do Corona Vírus, fechando

com a fala do âncora: “Quarentena e isolamento social” (PESQUISA). Olívia está de penumbra sentada numa poltrona vendo o noticiário enquanto toma café numa caneca amarela.

Blecaute.

#### V – ME REINVENTANDO: O ISOLAMENTO SOCIAL

Foco em Olívia na janela do apartamento fumando um cigarro. Ouvimos vindo da rua, o anúncio num carro de som: “A PREFEITURA PEDE A TODOS OS MORADORES QUE NÃO SAIAM DE CASA. EVITEM A AGLOMERAÇÃO NAS RUAS. DE ACORDO COM O DECRETO DO PREFITO MUNICIPAL, SOMENTE PERMANECERÃO ABERTOS: SUPERMERCADOS, FARMÁCIAS E MERCADINHOS. PEDIMOS A POPULAÇÃO QUE FIQUE EM CASA.”

O final do anúncio deve coincidir com o final do cigarro de Olívia. Luz vai caindo em resistência, ficando apenas aceso por um tempo o resto da baga de cigarro.

Blecaute.

#### V – PRODUZINDO NO ISOLAMENTO SOCIAL

Olívia está terminando de pintar no meio da sala uma faixa com a frase: # FIQUE EM CASA!”. O celular toca. Ela vai pegar em cima do rack da TV.

#### OLÍVIA

- Saback? Meu amor! Que saudade de você. Pois é. Essa pandemia chegou violenta aqui no Brasil, e aqui então na minha cidade o negócio não tá nada bom. Sabe como é nè? O dinheiro da saúde vai pros planos de saúde dos políticos e suas famílias e enquanto isso, faltam leitos nos hospitais, as unidades de pronto atendimento penam sem estrutura. Mas me conta, como é que você tá? Jura? Um vizinho seu foi contaminado? Nossa! Mas ele está bem né? Que bom. Aqui já morreram várias pessoas e o pior que tem muita gente que não está nem aí, a começar pelo nosso Presidente. Ai amor, estou morrendo de saudade de ficar quietinha do seu lado, dividir a cama. Pensar que a gente sempre valorizou a presença, agora vamos ter que nos comunicar pelas redes sociais, através de vídeos chamadas. (TEMPO) Nesse momento estou terminando de fazer uma faixa com a mensagem fique em casa. Vou colocá-la bem na janela do meu apartamento. Sabe uma coisa boa disso tudo é que estou

redescobrir as coisas do meu apartamento. Discos, a fotografia dos meus pais. Nossa, tanta redescoberta, de coisas que fazia tempo que não dava importância, amontoava e deixava pra lá. Jura? Você também? E aí, como tem sido a experiência? (TEMPO) Verdade, a gente se reencontra, valoriza mais nosso cantinho e as histórias construídas ou trazidas como lembranças para dentro dele. Espera que vou te enviar uma foto da faixa, antes de colocá-la na janela. Falo contigo pelo WhatsApp, espera só um instante.

Olívia mostra a bandeira. Letreiro colorido, bem feito, visível. Fotografa e envia para o namorado. Faz a chamada pra ele. Tempo.

OLÍVIA

- Gostou amor? Eu também gostei. Uma faixa digna de uma artista visual. Ah, nem te contei, eu fui demitida por telefone, acredita? Fiquei puta da vida, revoltada. Eles nem tiveram consideração de me chamar e fazer o comunicado pessoalmente. Achei isso uma falta de ética da porra. Depois que se expandiu as comunicações via redes sociais, as pessoas se acham no direito de comunicar as coisas por elas. Isso é péssimo. (Respira fundo) Eu estou calma. Ouvindo sua voz eu fico melhor ainda. O quê? Que lindo? Nossa música? Amo.

Ouvimos vindo do aparelho celular a música “PAIXÃO” de Kledir Ramil, na voz de Simone. Tempo.

OLÍVIA

-(DERRETIDA) Mil vezes te amo Saback. Ei vamos experimentar o amor em dias de quarentena, um *love* virtual, com direito a *live* e tudo viu? Quero *nuds* também Te amo. Breve estaremos corpo a corpo coladinhos. Se cuida tá, que eu me cuido aqui também. Acho que vou fazer máscaras para doações, pros meus alunos, quer dizer, ex-alunos. Máscaras com imagens de artistas famosos e não tão famosos também, alguns daqui mesmo. O que acha? Aproveitar esse isolamento social para fazer meus percursos criativos aqui no meu AP. mesmo. Beijo.

Olívia desliga o celular, coloca na mesa. Levanta a faixa, tomando seu rosto. Nesse momento, um blecaute geral.

## VI - DIAS A FIO NO ÓCIO CRIATIVO

Olívia está terminando de costurar umas máscaras com estampa de artistas famosos: Frida Kallo, Lygia Clark, Vick Muniz, Dejanira, Clarice Lispector, Aleijadinho, Portinari, etc.

Blecaute.

## VII – MAIS DIAS DE PRODUÇÃO NO ÓCIO CRIATIVO

A cena ABRE com uma música de Caetano Veloso, “O canto do povo de um lugar”, Olívia está tomando cerveja, curte a música. De fundo um grande varal com as máscaras estendidas. Foco direcional nas estampas dos artistas pintados em cada uma. São máscaras de cores diferentes.

## IX – AS MÁSCARAS

Abre a cena com o som da campainha. Olívia, usando uma das máscaras vai atender levando uma sacola. Já não há mais varal na sala.

OLÍVIA

- Pronto. Estão todas aí. Entrega pros alunos na escola, por favor. Diga que fiz com muito carinho para cada um deles. Muito obrigado pela gentileza de vir buscar.

Olívia fecha a porta. Senta-se e abre o notebook que está em cima da mesa. TEMPO.

OLÍVIA

- Esses dias todos de isolamento social, prisioneira forçada, eu me redescobri nova. Mais corajosa, mais bonita, mais viva. Esse tempo todo, revendo coisas, repensando minha vida, remexendo objetos, discos, fotografias, me situando no meu lar, em mim mesma. Uma tragédia em forma de vírus, me fez pensar na vida, na pressa do cotidiano, fútil. A solidão é realmente algo necessário, um encontro conosco. Eu há muito tempo atrás quis escrever um conto, mas sempre adiei, não achava um tema, até porque as aulas, os planos, não davam espaço para eu colocar pra fora meu potencial de escritora e não apenas de arte-educadora. Agora estou mexida. Sem trabalho, namorado distante, amigos que não posso abraçar, contatos sociais só pela internet. Estou comigo. Isso me inspira. Decidi, vou escrever um conto sobre esses

dias de confinamento. Quem sabe a escritora adormecida, ofuscada pela rotina, agora seja realmente parida.

Olívia levanta-se e vai pegar uma garrafa de café, a carteira de cigarro. Coloca o café numa xícara vermelha, organiza o isqueiro, acende o cigarro. Fica em frente ao notebook. Toma um gole do café. Traga o cigarro. Respira fundo.

OLÍVIA

- Uma vez eu vi numa entrevista, uma escritora renomada dizer que, um escritor deve criar uma rotina diária para escrever e não importa se está ou não inspirado, ele precisa escrever alguma coisa. Vou seguir essa pegada pra ver se dá certo. Vou começar pelo título do meu conto: Um encontro comigo em dias de confinamento.

Olívia começa a digitar. Escutamos forte o som do teclado. A luz vai caindo em resistência. Telefone toca, com a luz já bem baixa. Olívia atende, a luz cai mais ainda.

OLÍVIA

- Como?

VOZ COORDENADORA DA ESCOLA (OFF)

- Os pais dos alunos se reuniram com a direção e reivindicaram a sua volta. Portanto, assim que retornarmos as aulas, você reassume suas aulas de arte. Detalhe: eles agradeceram as máscaras que você enviou e disseram que os alunos adoram as suas aulas e que é a melhor professora de ARTES.

OLÍVIA – Jura?

Blecaute.

FIM

